

ISMAEL DE LIMA COUTINHO
PONTOS DE GRAMÁTICA HISTÓRICA
Companhia Editora Nacional – S. Paulo, 1938³⁵

José Pedro Machado

De há muito que se faz sentir a falta de um trabalho em língua portuguesa onde, além dos assuntos relacionados com a gramática histórica, se trate também dos da linguística geral.

Esta falta ainda mais é para lastimar se pensarmos num *manual* onde os principiantes se possam familiarizar, embora levemente, com os grandes nomes, com os grandes problemas.

Julgo que foi de certo modo para suprimir essa lacuna que o Prof. Coutinho publicou o presente trabalho, que também é o resultado das lições por ele professadas nos estabelecimentos de ensino onde exerceu a sua atividade.

"Nasceu ele de simples notas manuscritas, rubricadas ao sabor do programa oficial, sem ordem nem ligação".

Este trabalho já granjeou alguma popularidade entre os estudantes portugueses. Ainda bem, porque o merece.

Essa popularidade mostra como há muito a esperar do gênero, que aparece já algo desenvolvido nesta obra.

Oxalá que alguém olhe com carinho para ele.

Oxalá também que os mestres saibam auxiliar os estudantes no seu caminho para a compreensão e concatenação de muitas ideias que andam no ar e que nem todos as apresentam, uns por as ignorarem, outros por partidarismo que muito cheira a século XVIII.

Oxalá!

Como é natural, a obra do Prof. Coutinho tem passos com os quais não estou em acordo absoluto.

Vou passar a examinar alguns.

³⁵ Recensão transcrita por José Pereira da Silva, do *Boletim de Filologia*, tomo VI, fascículos 3-4, Imprensa Nacional de Lisboa, 1940, p. 474-481, com atualização ortográfica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

§ 10. – "Pânini, desde o século IV antes da Era Cristã, traça, com admirável precisão, as principais regras fonéticas e gramaticais dessa língua (o sânscrito), servindo o seu trabalho de ponto inicial para toda uma literatura de comentários nos velhos textos indianos".

O Autor parece querer dizer nestas palavras que Pânini foi o iniciador duma escola de filólogos.

Não sei onde se baseou neste passo, mas parece-me que a sua doutrina não concorda com a de outros autores, como, por exemplo, L. Bloomfield, que, ao contrário do Prof. Coutinho, afirma que

generations of such labor must have preceded the writing of the oldest treatise that has come down to us, the grammar of Pânini. This grammar, which dates from somewhere round 350 to 250 B. C., is one of the greatest monuments of human intelligence. (*Language*, 1935, p. 11)

A *Enciclopédia Espasa* diz muito prudentemente que Pânini (s.v.) era o autor da primeira obra gramatical *que se conhece* sobre o idioma árico clássico dos antigos índios.

§ 14. – Parece-me que o Autor não é suficientemente claro sobre a língua sanscítica: "Em 1606, o missionário Roberto de Nóbili aporta à Índia e, desde logo se entrega, aos estudos, ao estudo das línguas locais, notadamente do sânscrito".

Ora o sânscrito já era uma língua morta nessa época, segundo a opinião autorizada de Vasconcelos-Abreu:

Por sânscrito entende-se: rigorosamente, a língua em que estão escritos os textos clássicos da literatura árica da Índia antiga bramânica; e latamente, a língua em que estão escritos estes textos e os arcaicos da mesma literatura árica. (*Sanscritologia e seu valor*, p. 8)

O que os missionários ouviam eram as tais "línguas locais", mais ou menos aparentadas com a dos Vedas.

Note-se até que no § 41 o Autor considera (e bem) o sânscrito como pertencente ao ramo *velho* do grupo índio-asiático do indo-europeu.

Vem muito a propósito no final deste parágrafo a citação do passo de William Jones sobre a existência de uma hipotética língua que precedeu o sânscrito, o grego e o latim.

Parecia-me talvez conveniente dizer que os primeiros estudiosos chegaram a identificar o sânscrito com o próprio indo-europeu. A dife-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

rença ficava assim bem vincada, e isso parecia-me muito vantajosa porque há também tendência entre os principiantes para as confundir.

§ 48. – "Uma língua só conserva o seu aspecto uniforme enquanto é falada por um pequeno agrupamento humano. É que, neste caso, as influências são as mesmas; as comunicações entre as pessoas, mais íntimas e constantes; os interesses idênticos, etc."

Estas palavras devem ser entendidas em termos hábeis e se não veja-se o seguinte caso: em certas populações selvagens de há muito que se observa a existência de línguas especiais com uso corrente ao lado das vulgares. Convém observar que estas são faladas por "pequenos agrupamentos humanos" e ainda que "as influências são as mesmas; as comunicações entre as pessoas, mais íntimas e constantes; os interesses idênticos".

Um dos aspectos dessa especialização vocabular é o religioso (VENDRYES, *Le Langage*, p. 301). Outro é o que resulta da diferença de sexos ou de graus sociais. Assim "entre os caraíbas, por exemplo, os homens falam caraíba, mas as mulheres falam aravaque... Entre os naturais de Java, o superior fala ao seu inferior em língua ngoko, mas o inferior responde em língua cromo." (*Idem, ibidem*, p. 302)

§ 52. – O "fenício teria desaparecido completamente se não fora de novo introduzido por outro povo da mesma raça e língua – o cartaginês".

O cartaginês (melhor seria o púnico) não é exatamente o mesmo que o fenício; o seu fundo principal seria na realidade esse, mas estava cheio de formas de outras origens, como, por exemplo, líbicas.

§ 53. – "A última notícia acerca da existência das línguas indígenas da Península é-nos transmitida por Tácito, nos seus preciosos *Anais*. Narra este historiador que, no século I depois de Cristo, certo camponês da Tarraconense, acusado da morte de um pretor, respondeu na língua própria, recusando-se confessar os seus cúmplices..."

Este passo (para melhor informação do estudioso) devia trazer uma remissa para este outro, no § 141, (p. 95):

O processo de arcaização dos termos é assim explicado por Darmesteter: "Uma geração de homens, num dado momento, começa a abandonar tal palavra, representando por outra a ideia que ela designa; a geração seguinte conhecê-la-á ainda menos, e virá um instante em que ela só será conhecida dos velhos, que dentro em pouco a levarão consigo para o túmulo..."

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No § 161 (p. 109) ocorre ainda outro, que me parece afim:

A tenaz infiltração de elementos eslavos e venezianos na Dalmácia acarretou a morte do dalmático, que se falou até ao século passado [século XIX]. Com o velhoto Udina, falecido em 1898, desapareceu para sempre esse reben-to da latinidade.

Neste último, nota-se que o Autor seguiu muito de perto as pala-vras de Meyer-Lübke na *Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft*, § 12, p. 11 da 2ª ed. (1909); § 11, p. 34-35 da versão espanhola de Américo de Castro (2ª ed., 1926).

Nous connaissons d'autres langues auxquelles pareil sort est arrivé. Le so-rabe ou wende, dialecte slave, est aujourd'hui parlé dans le Spreewald (Lusa-ce); mais son frère, le polabe, que l'on parlait sur le cours inférieur de l'Elbe, est mort au XVIII^e siècle. Du prussien, dialecte baltique, qui vivait encore sur la côte entre Dantzic et Königsberg à la fin du XVI^e siècle, il n'y a plus aucune trace aujourd'hui. En Angleterre, le cornique, dialecte celtique, que devait au moyen âge occuper tout la péninsule du Cornwall, y compris le Devon actu-el, et rejoindre au delà du canal de Bristol le domaine gallois, a aujourd'hui disparu. Celle qui passe pour avoir parlé cornique la dernière, une nommée Dolly Pentreath, s'est éteinte le 26 décembre 1777 à Saint-Paul, près Penzan-ce, âgée de cent deux ans. On a toutefois recueilli en plein XIX^e siècle des lambeaux de prières, des jurons, des bouts de phrases en cornique sur les lèvres des paysans; en 1875, il y avait encore au Cornwall des vieillards qui comptaient en cornique jusq'à 20. (VENDRYES, *Langage*, p. 338)

§ 55. – "...não se deu o congraçamento dos vencidos (cristãos) com os vencedores (árabes), porque os extremavam fatores de ordem étnica, moral e social, como a raça, a religião, os costumes, etc."

Isto só é certo parcialmente. Lembremo-nos dos *moçárabes* e dos *mudéjares*³⁶.

§ 82. – "Começando... o sufixo por vogal, opera-se a queda da vogal final do radical, se é átona, ou permanece, se é tônica, aparecendo então entre o radical e o sufixo uma consoante intermediária, chamada *infixo*, para desfazer o hiato, a qual é geralmente representada por *z*: *livr-aria*, *bel-eza*, *branc-ura*, *relv-oso*, *barc-aça*; *pé-z-inho*, *cafê-z-al*".

O Autor esqueceu casos como *homenzarrão*.

§ 112. – "Muitas palavras estrangeiras aparentam em português

³⁶ Mudéjar é denominação arábica atribuída a indivíduo do povo árabe que se manteve na península Ibérica depois da reconquista pelos cristãos. Por extensão de sentido, o árabe que se subjugou aos cristãos na Espanha, depois da Reconquista, também se denomina mudéjar. (Cf. HOUAISS, 2010) [NE].

forma simples, quando na língua originária são compostas".

Também há exemplos em palavras de origem latina: "miona (*Boletim de Filologia*, V, p. 368), enteado, cadaía.

3)³⁷ A palavra portuguesa *julepo* deriva na realidade do persa *gulab*, mas não diretamente. Foram os árabes que a trouxeram para o Ocidente. Como é de regra, o *g* brando do indo-europeu deu *j* na língua árabe; é só pela intervenção desta que pode explicar satisfatoriamente a evolução do *g* em *j* das formas europeias (português *julepo*, espanhol *julepe*, francês *julep*, italiano *giulebbe*).

Note-se que no § 127 o Autor já diz que a palavra *julepo* é uma das que os árabes trouxeram importadas de outras línguas.

§ 127. – "A influência da língua árabe sobre o latim da península..."

Na época da invasão árabe (século VIII) já não se falava latim, mas sim o romanço.

"A única particularidade que apresentam as palavras árabes em português é a transformação do *h* em *f*, como provam os exemplos: *atahona* (atafona), *almihaça* (almofoda), *rehen* (refém), *azahame* (azáfama), *Mahomede* (Mafamede). No mais, sofreram as mesmas modificações que os vocábulos latinos".

1º Note-se que em árabe não há só um fonema aspirado; há três, e todos eles geraram no período arcaico da nossa língua *f*. São eles o *ح*, o *خ* e o *ه*. Cf. a propósito A. R. Gonçalves Viana, *Deux Faits de Philologie Historique Portugaise*³⁸.

2º Essa evolução não é a única na fonética luso-árabe. Há mais alguns fonemas que não "sofreram as mesmas modificações que os vocábulos latinos". Cf. o *ح* > *ç* (*açorda*); o *خ* > *g* (*almogama*), etc.

Além disso, ocorre ainda a circunstância de a língua árabe possuir mais alguns fonemas que eram completamente desconhecidos da latina ([*ʔ*, *ʕ*, *ʔ*], etc.).

³⁷ Item 3) do § 12, na mesma página 72. [NE].

³⁸ Mémoire présentée à la 10^{ème} Session du Congrès International des Orientalistes. Lisboa, 1892. [Lamentamos informar que não temos todos os caracteres árabes para transcrever inteiramente o texto de José Pedro Machado.]

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

3° Como o nome do profeta em árabe é [???], a transcrição tem dois *mm*; deve ser, portanto, *Muhammad*.

4° A forma vernácula dessa palavra é *Mafoma*. *Mafamede* pode ser uma de duas:

- a) Forma proparoxítona de (*Mafâmede*) correspondente à arábica acima citada. É vulgar nos nossos antigos textos. É um antropônimo que, embora tivesse a mesma origem que *Mafoma*, não se confundiu com este, porque designava um nome muito vulgar de indivíduo que se continuou a ouvir pronunciar na língua originária bastas vezes através dos tempos, ao contrário do outro, que dizia respeito só ao profeta. Este entrou, pois, cedo; o outro entrou não sei quando, mas teve sempre sobre si a influência da aravia.
- b) Forma paroxítona (*Mafaméde*) trazida do Oriente e vulgar nos quinhentistas.

5° Não conheço a preposição *fata* (até) que "no antigo português era corrente". Conheço *atá* e *fasta* (hoje dialetal; cf. o espanhol *hasta*), que na realidade tem a sua origem no árabe [??](*hattā*).

§ 131. – "... vocábulos asiáticos que se incorporaram no léxico português..."

1° *Sânscrito*. *Açúcar* foi trazido para o português pelo árabe; este é que o recebeu da Índia.

5° *Persa*. *Azul* também não entrou diretamente dessa língua no português. Julgo que foi por intermédio do francês ou italiano.

Limão é árabe.

§ 139. – *Algoz*, *gaita*, *lacaio* e *paxá* ou *baxá* não são de origem turca. O primeiro e o segundo são de origem arábica; o terceiro veio-nos pelo francês. *Paxá* ou *baxá* são respectivamente formas correspondentes à pérsica (donde a turca) e à arábica.

§ 146. – *Adur* significava em geral *difícilmente*. *Ende*, além de *daí*, também, tinha a ideia de *por isso*. *Toste* era igualmente *depressa*.

§ 161. – Na enumeração das línguas românicas falta o catalão.

§ 177. – Ao apresentar uma lista onde pretende demonstrar que "nem sempre empregamos (os brasileiros, claro está) as mesmas palavras

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que os portugueses" não faz mais do que reproduzir em cerca de três quartos dos exemplos o que Renato de Mendonça apresentou em *O Português do Brasil*, p. 235 da ed. de 1936.

Reproduz por isso alguns casos onde a diferença existe apenas para... Renato de Mendonça. Exemplos: *necrotério* também se emprega cá na acepção de *morgue*; o mesmo para *vitrina* em relação a *montra*, *moça* a *rapariga*, *latrina* a *retrete*, *tabacaria* a *estanco*, *tigela* a *malga*, etc., etc.

Açougue é arcaico e dialetal em relação a *talho*.

§ 237. – Não me parece que em *ameaça* (< *minacia*) houvesse a aglutinação do artigo [p. 163]. Antenor Nascentes (*Dic. Etim.*, s. v.) tem a mesma doutrina e abona até com outro exemplo: *abantesma*. Vejam-se mais estes casos: *alevantar*, *aqueixar*, *acabaia*³⁹. Também se observa nesses o mesmo fenômeno?

Julgo que se trata muito simplesmente de *aa* prostéticos.

§ 237. – O "-p- abrandar-se em b" [p. 165], apenas quando intervocalico.

§ 270 c (p. 184). – A propósito da deslocação do acento em *cam-pa*, *quinta* e *centa* s.v. *Boletim de Filologia*, VI.

§ 319. – *Cifra* e *zero* são na verdade divergentes. O Autor devia ter apresentado a causa dessa divergência, que afinal é bem simples: a primeira veio-nos diretamente do árabe; a segunda pelo francês, que por sua vez a recebeu do italiano.

§ 325. – O francês *chantre* não corresponde ao latim *cantore*, mas sim ao respectivo nominativo (*cantor*). O acusativo deu em francês *chan-teur*.

§ 359. – Podia ainda dizer que o dual existia em grego.

§ 522. – Não é necessário apresentar um hipotético *dao* para explicar o português *dou*. O próprio latim *dō* é suficiente.

§ 523. – O mesmo para **stao*; *stō* basta. Neste ponto o Autor seguiu, sem indicar a fonte, muito de perto a doutrina de Grandgent (*Latino*

³⁹ "Deu elrey a Xpovão de Figueyredo em se despedimdo dele hũa *acabaya* de brocado...", *Cron. dos Reis da Bisnaya*, p. 93.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Volgare, § 397), depois reproduzida por Savi-Lopez (*Orígenes Leo-Latinos*, p. 137 da ed. *Labor*).

§ 565. – Há por aí quem defenda mais ou menos parcialmente que certa especialidade é que deve constituir a base do bom filólogo. Eu não sei ao certo o que é que entendem por um *bom filólogo*, mas para mim um *bom filólogo* é o que sabe lidar bem com a filologia. Para saber manejar a filologia (na minha fraca e ainda por cima desautorizada opinião) é conhecer o método filológico, saber manejá-lo e utilizar com o devido senso um sem número de conhecimentos vários que constituem os reagentes com que se provam os materiais em estudo.

Mas infelizmente cada qual "puxa a brasa à sua sardinha" e com ela faz uma das mais estúpidas políticas partidárias.

Assim nada se conseguirá, é necessário que nos convençamos disso.

Aparecerão muitos trabalhos que serão ótimos dentro do capítulo especialidade, mas fora disso para nada servem.

Por isso ainda hoje se está à espera de trabalhos sistemáticos. Ainda não apareceram, nem há esperanças de aparecerem nestes tempos mais chegados.

Há uma obra que mesmo dentro da especialidade é necessário realizar e quanto antes: a revisão de *tudo* o que se tem escrito.

Muito há a rever, a emendar, a deitar fora.

Muito há também a aproveitar.

Este longo arrazoado foi motivado por um fato que acabo de encontrar neste parágrafo dos *Pontos* do Prof. Coutinho.

Eis o passo: "Às vezes também o til se acha deslocado para outra vogal: *boã = bõa*".

A paleografia é sem dúvida nenhuma uma das ciências auxiliares a que os filólogos portugueses têm votado o mais comprometedor dos desprezos.

Não há infelizmente em Portugal o ambiente necessário para se criar uma escola paleográfica, com que os estudos históricos, jurídicos e filológicos bastante lucrariam.

Mas não. Uns não têm tendência para tais estudos; outros olham-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nos altivamente, considerando os que a tal se dedicam mentalidades infracomuns.

A culpa do erro, talvez comezinho, daquele passo não é evidentemente do Prof. Coutinho; é, sem dúvida, dos que se abalançam a publicar textos arcaicos sem possuírem cabedais para tal e sobretudo dos que deixam passas os dislates neles contidos.

Se já pertencesse ao número dos elementares conhecimentos dos paleógrafos e filólogos portugueses que na presença de um ditongo nasal decrescente na transcrição nunca se coloca o til sobre a segunda vogal, mas sim sobre a primeira, já o Prof. Coutinho não teria afirmado o que afirmou.

Que isto sirva de exemplo a todos os estudiosos e que meditem duramente cinco minutos no que eu escrevi mais acima. Se todos o fizerem, estou convencido de que dentro de breve tempo teremos em Portugal uma filologia séria, científica, digna do século em que vivemos, porque assentará em bases sólidas.

Será a mais espantosa das revoluções científicas do nosso País e com ela muito se lucrará.

Muitos ídolos irão abaixo, mas caem porque os seus pés são de barro.

Em breve escreverei um pouco mais pormenorizadamente sobre o assunto.

Por ora continuemos.

§ 566. –

b. – O aparecimento do *b* nos documentos medievais em palavras como *aber* = *haver* não se explica "por influência do latim ou por influência espanhola", mas sim do dialeto que o escriba falava.

É uma particularidade vulgaríssima dos nossos textos jurídicos medievais.

x. – Este fonema não "substituía com frequência (*sic*) os dois *ss*: *dixe* = *disse*", a articulação destes é que era semelhante à daquele.

"*z.* – Podia empregar-se no início e no meio das palavras em lugar do *ç*: *sapateiro* = *sapateiro*, *zafar* = *çafar*...".

Isto acontecia geralmente só nos documentos redigidos em latim

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

bárbaro.

A *bibliografia* é preciosa; abundante não só em obras portuguesas e brasileira, mas principalmente em estrangeiras.

Uma pergunta: Porque não aparece lá nem ao menos a indicação de uma do Prof. Dr. David Lopes?

O Autor com certeza de alguma se utilizou na composição do seu trabalho.

Em resumo: os *Pontos de Gramática Histórica* do Prof. Ismael de Lima Coutinho devem ser lidos por todos.

O seu Autor é pessoa de elevada cultura e de grande capacidade de síntese, o que é raro nos estudiosos deste gênero. Pena é que a sua largueza de vistas (com a qual, como disse, concordo em absoluto) não esteja ainda suficientemente espalhada no Brasil e em Portugal e que a sua atividade escolar não lhe permitisse o aperfeiçoamento de certas deficiências, como repetições, deslizes doutrinários, etc.

O Prof. Coutinho parece-me que é daqueles estudiosos de quem muito esperamos. Não deve pertencer ao número daqueles a que me referi nas considerações ao § 565 da sua obra.

Se se contar com mais alguns nas suas condições (por poucos que sejam) em breve alguma cousa se fará de novo.

Uma última impressão sobre os *Pontos*: parece-me que seria necessário olhar com um pouco mais de atenção para o português arcaico, não só sob os pontos de vista fonético, morfológico e sintático, mas em especial para o ortográfico.

Agosto de 1939.

José Pedro Machado